

# Ensino vive a sua maior crise no Espírito Santo

Fotos de Chico Guedes

Rogério Gomes

O que dizer da Educação num Estado onde o magistério faz greves há oito anos consecutivos, apenas 271 em cada mil alunos que entram na escola chegam à 4ª série primária, escolas particulares reajustam suas mensalidades em até 640% em apenas sete meses e a universidade não consegue preencher sequer 50% das vagas oferecidas no Vestibular? Para alguns entendidos no assunto, a crise da educação resulta da má formação do professor, da baixa remuneração desse profissional — principalmente no caso das escolas públicas —, do descaso dos governantes e da falta de perspectiva dos estudantes, que não demonstram interesse pelo ensino porque sabem que um diploma já não é sinônimo de realização profissional ou segurança econômica. Até as escolas particulares, onde o nível de ensino era considerado superior ao das públicas, embarcaram na queda da qualidade, “por falta de recursos para investir em melhorias”, segundo seus proprietários. Para a União Municipal dos Estudantes (Umês), só o que diferencia a escola pública da particular é que na primeira o processo educacional é sempre atropelado por longas greves, o que não acontece nos estabelecimentos privados de ensino. Em meio a toda essa crise da Educação, uma instituição consegue até melhorar o seu nível de ensino: a Escola Técnica Federal do Espírito Santo (Etfes) coloca no mercado de trabalho 80% dos técnicos que forma todos os anos.

Apenas uma reestruturação da Educação em todos os níveis poderá recuperar a qualidade perdida do ensino. Essa é a opinião de professores, diretores de escola, alunos e até mesmo do secretário estadual da Educação, José Eugênio Vieira, que acrescentou que a Educação atual está dissociada da realidade do país. “Basta ver que a Lei 5.692/71, que regulamenta o ensino, foi elaborada há 18 anos, e desde então muita coisa mudou, o que não foi acompanhado pela Educação”, explicou Vieira. A falta de verba é uma das principais causas apontadas como responsáveis pela queda da qualidade do ensino. A nova Constituição assegura que 17% do orçamento da União e 25% do orçamento dos Estados e dos municípios sejam destinados ao setor, mas para José Eugênio Vieira a recuperação do ensino só virá se houver intenção do Governo em fazê-lo, “e não basta fazer leis e colocá-las na Constituição se não houver compromisso com essa mudança”.

Alunos, professores e donos de escola são unânimes: existe descaso dos governantes com a Educação, mas cada um dos segmentos atribui a queda de qualidade de ensino a fatores diferentes, de acordo com a interferência desses fatores em seus respectivos interesses. Para a



**O ensino privado, onde a mensalidade em alta contrasta com a qualidade em queda livre, já não difere muito do público, mergulhado há oito anos no grevismo**



nam as razões dessa superioridade. A diferença de salário a favor dos professores da rede particular é uma das razões apontadas. Enquanto no Colégio Nacional, por exemplo, um professor de 1ª a 4ª série recebe NCz\$ 900,00 por mês, na escola pública um professor do mesmo nível recebe NCz\$ 246,91, ou 73% a menos. O presidente do Sindicato dos Professores (Sinpro), Giovanni Lívio, afirma, no entanto, que somente 10% das escolas particulares do Estado pagam salário como os do Nacional, e que na grande maioria delas um professor de 1ª a 4ª série ganha NCz\$ 300,00.

Lívio acredita que o que ainda mantém o ensino particular um pouco melhor que o público são a estrutura das escolas e — principalmente — a clientela. “Os alunos da rede particular têm acesso a todos os livros, a cursos paralelos, são bem-nutridos e bem-assistidos pela família, o que não acontece com a maioria dos estudantes da rede pública, cujos pais, que quase sempre trabalham fora, não têm tempo para dar ao filho a devida assistência”, explicou.

Os currículos das escolas das duas redes de ensino é o mesmo, mas segundo a supervisora do 2º grau do Nacional, na escola particular ele é “enriquecido”. O Nacional, por exemplo, tem laboratório para ensinar os alunos através de experiências práticas, aulas em vídeo e uma biblioteca com enorme diversidade de livros. Sobre o

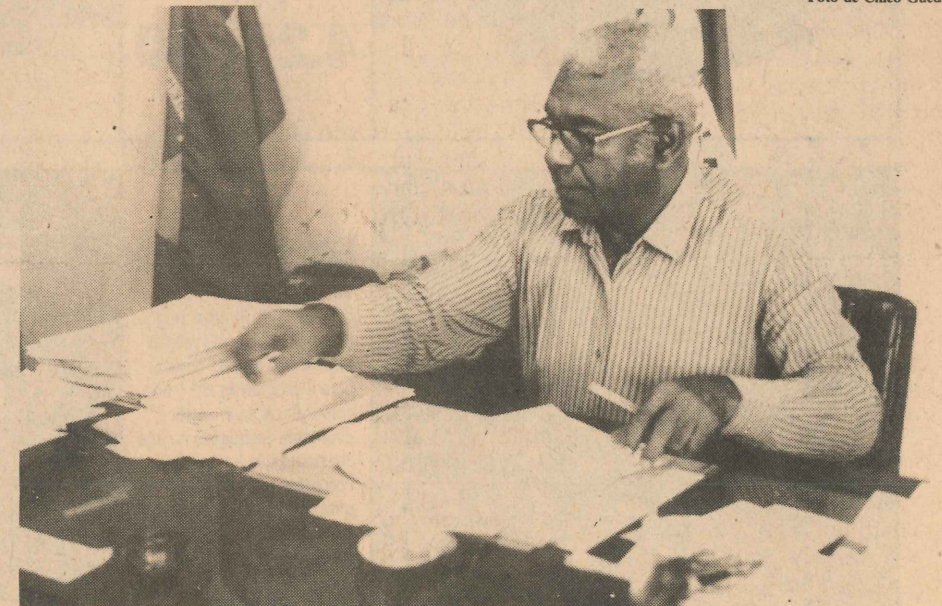
## Causas da queda da qualidade

Foto de Chico Guedes

A queda da qualidade de ensino não é um fator isolado: é consequência da má administração da economia e da inversão dos valores morais. A afirmação é da educadora Laurita Schneider, professora do Centro Pedagógico da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), com quem concorda Joaquim Beato, que foi secretário estadual da Educação no período de março a dezembro de 1987 e hoje é professor de Filosofia na Ufes.

Beato acredita que a mudança da atual situação do ensino só acontecerá a partir de uma transformação política e social, não só no setor de ensino. Ele defende uma “transformação moral da sociedade, que é extremamente competitiva”. Segundo Beato, quando se transformou o objetivo do país em desenvolvimento econômico, tudo, inclusive o ensino, foi voltado para esse fim.

Beato criticou a falta de investimentos na educação e falta de reconhecimento do Governo em relação ao profissional do ensino. Para ele, o sistema atual de ensino reflete a proposta da classe dominante da sociedade, “que é excludente e quer garantir o privilégio de poucos”. Laurita Schneider afirma que a



**Beato: “Mudanças somente com transformação política e social”**

tes, de acordo com a interferência desses fatores em seus respectivos interesses. Para Anderson Falcão, presidente da União Municipal dos Estudantes (Umes), as constantes greves na rede oficial de ensino são a causa maior da má qualidade do nível de ensino. Já o vice-presidente da União dos Professores do Espírito Santo (Upes), Darcione Carvalho, lembra os baixos salários da categoria, que não tem dinheiro sequer para se reciclar, além de estar completamente desestimulada. Já os proprietários de escola acham que a interferência do Governo nas escolas particulares, limitando o valor das mensalidades, é que está provocando a queda da qualidade de ensino.

## Revolução

A decadência do ensino brasileiro é um processo gradativo que começou com a revolução de 1964, depois do golpe militar, segundo o vice-presidente da Upes. Até então, raciocina Darcione Carvalho, o professor era valorizado e seu salário se igualava ao de um juiz de Direito, mas a partir do golpe a Educação foi despriorizada, as matérias curriculares que ensinavam o aluno a raciocinar e questionar, como a Filosofia, cederam lugar às disciplinas técnicas. "O ensino voltou-se para um período desenvolvimentista que não deu certo", afirmou Carvalho.

O diretor do Colégio Nacional, Sydney Riva, concorda com Darcione quanto ao fato de a revolução de 64 ter sido a raiz da crise do ensino e acrescenta que o nível da Educação só poderá ser recuperado a longo prazo. "Nos próximos 20 anos o Governo não terá condições de restabelecer a qualidade do ensino, e se continuar a interferir na escola particular é provável que nos próximos cinco anos a qualidade da Educação na rede privada esteja nivelado por baixo com a rede pública", sentencia Riva.

Embora os donos de escolas sustentem que a qualidade do ensino na rede privada, apesar de ter sofrido uma queda de 40% nos últimos cinco anos, ainda é superior ao nível de educação nas escolas públicas, diretores da rede oficial questionam

teca sem enorme diversidade de livros. Sobre o laboratório, curiosamente, o diretor do colégio explicou que desde 1982 que os alunos não manuseiam os equipamentos e aprendem apenas através de experiências demonstrativas feitas pelo professor. Segundo Sydney Riva, esse procedimento foi adotado porque os reagentes e os equipamentos são caros e o colégio não tem recursos para mantê-los.

Na Escola Pequeno Rei, em Jardim Camburi, os alunos participam de excursões a reservas biológicas, onde recebem aulas práticas, são estimulados a participar de concursos de redação, e segundo a diretora, Maria das Graças Abreu Lopes, são acompanhadas de perto pelos professores. Tudo isso, segundo ela, contribui para manter um nível de ensino superior ao oferecido nas escolas públicas. A diretora afirma, porém, que o principal problema enfrentado é o desinteresse de algumas famílias em acompanhar o rendimento dos filhos na escola. Segundo ela, 60% dos pais de alunos sequer compareceram ao colégio para apanhar o boletim com as notas do primeiro semestre para analisar a situação do aluno.

## Má formação

O Instituto de Educação Fernando Duarte Rabello forma todos os anos uma média de 400 professores, que, de posse do diploma de conclusão do Magistério, estão aptos a dar aulas para alunos de 1ª a 4ª série. Maria Inês Resende, diretora do Instituto, admite, porém, que esses profissionais muitas vezes não tem conhecimento suficiente para ministrar aulas.

"Os profissionais que lançamos no mercado não têm a qualidade que gostaríamos que tivessem, mas num processo educacional que há oito anos vem sendo atropelado por greves consecutivas acho que estamos fazendo o melhor", afirma. A diretora do Instituto acredita que a má qualidade do ensino seja consequência da má formação do professor, por sua vez decorrente de uma série de fatores como o descaso do Governo com o setor educacional e a má remuneração do professor.

de poucos". Laurita Schneider afirma que a educação está cada vez mais elitizada e um número cada vez menor de estudantes tem condições de chegar à universidade.

O resultado do vestibular realizado em junho pela Ufes reflete bem o grau de elitização da educação, segundo Laurita. O concurso preencheu apenas 37% das vagas oferecidas, e para a professora esse pode ser o início do processo de privatização do ensino. "Com provas tão difíceis, só consegue aprovação quem faz curso pré-vestibular, ou seja, os alunos de classe econômica privilegiada", acrescentou a professora.

"A Ufes prepara o professor de 2º grau. Não existe uma avaliação séria sobre esse tipo de vestibular que está sendo aplicado", afirma Laurita. Ela disse que não é contra o vestibular com questões discursivas, mas é preciso saber elaborar essas questões. "Tem de ser cobrado no vestibular o que a escola ensina e não o que deveria ensinar", protesta a educadora.

Para Laurita Schneider, o vestibular está causando um sério problema social, porque

está "massacrando" o aluno que se julga incapaz e, conseqüentemente, fica desestimulado. "Seria necessário o lançamento de uma campanha com o slogan **Preserve o estudante**, porque ele está sendo destruído pelo Vestibular", acrescentou Laurita. Ela disse ainda que, da maneira como vem sendo feito, o vestibular não está tentando avaliar os conhecimentos que os alunos têm, e sim os que eles não têm.

## Democratização

A socióloga Neila Maria Geaquinto explica que numa sociedade desigual (política, social e economicamente) o ensino tende a ser desigual. Para ela, a solução está na democratização do ensino, com oportunidades iguais para todos, "o que passaria por uma mudança na sociedade em geral".

Geaquinto acredita que a partir do resultado do Vestibular é possível que a sociedade acorde para a necessidade da reestruturação da educação. A socióloga afirma que quando

as camadas populares passam a ter acesso à escola o ensino entra em questão. Ela explicou que, há algum tempo, só quem tinha acesso à educação eram as camadas alta e média da sociedade, que têm um "capital cultural" diferente das camadas populares.

Por serem donos de maiores recursos econômicos, os filhos das camadas média e alta da população têm mais condições de desenvolver seu "capital cultural" porque podem ter acesso a livros, a cursos e a outros métodos de enriquecimento da inteligência, aos quais os filhos das camadas populares dificilmente têm acesso, segundo a socióloga.

Assim, as camadas populares não têm condições de acompanhar o ensino, da mesma forma que as mais favorecidas economicamente, de acordo com Neila Geaquinto, o que implicaria na queda da qualidade da educação. "Dessa forma, só a democratização do ensino, com oportunidades iguais para todos é que pode recuperar a qualidade da educação".

# A fórmula para manter o nível

Enquanto se fala em queda na qualidade de ensino nas escolas públicas e particulares, uma delas tem conseguido manter o nível, ou até mesmo melhorá-lo. É a Escola Técnica Federal do Espírito Santo (ETFES) que, segundo seu diretor, Zenaldo Rosa da Silva, garante lugar no mercado de trabalho para 80% dos técnicos que formam todos os anos.

Dona de instalações conservadas e equipadas com laboratórios, quadras esportivas, etc, a ETFES atrai o interesse de muitos alunos e a concorrência às 980 vagas oferecidas nunca é inferior a dez alunos para cada uma delas. Os sa-

lários dos professores variam de NCz\$ 800,00 a NCz\$ 2,2 mil, para profissionais que segundo o diretor são capacitados e dedicados. "O ensino na Escola Técnica não é apenas na base da salvação e do giz, os alunos fazem experiências práticas, desenvolvem atividades artesanais e são estimulados a praticar esporte", explica o diretor que atribui a esses estímulos a boa qualidade do aluno da ETFES.

Zenaldo Rosa da Silva afirmou que cabe à escola motivar seus alunos para que apresentem bom desempenho. Ele explicou que 60% dos alunos da ETFES são provenientes das escolas

públicas e seu rendimento não fica a dever nada ao dos alunos que vêm de escolas particulares. O diretor explicou que a escola também tem dificuldades de recursos humanos, materiais e financeiros, mas com a integração existente entre alunos, funcionários, professores e diretor esses problemas têm sido vencidos.

O diretor da ETFES afirma que se tivesse de cobrar pelo seu ensino, a mensalidade da ETFES custaria hoje, no mínimo, NCz\$ 500,00. Zenaldo da Silva lembrou que o brasileiro precisa reconhecer o valor da educação, afirmando que "educação barata sai caro para o país".